



CARTA
INTERNACIONAL

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISSN 2526-9038

O local e as tendências da História das Relações Internacionais na ABRI entre os anos de 2007 e 2022

The location and the trends of History of International Relations at ABRI between 2007 and 2022

El lugar y las tendencias de la Historia de las Relaciones Internacionales en la ABRI entre 2007 y 2022

DOI: 10.21530/ci.v19n1.2024.1414

Jéssica Cristina Rezende Máximo¹

Resumo

Investiga-se o local e as tendências da área de História das Relações Internacionais (HRI) na Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI) através de memória disciplinar, que identifica suas instâncias de institucionalização mediante a análise de documentações, oralidade e mapeamento de pesquisadores e tendências historiográficas dos artigos apresentados entre 2007 e 2022. Pensava-se que a investigação demonstraria uma interação superficial entre a História e as RIs; contudo, a HRI teve presença relativamente constante nos eventos; seus gestores atuaram em prol do diálogo; seus pesquisadores são qualificados e foi possível identificar o interesse na História Contemporânea da Política Externa Brasileira e Americana.

Palavras-chave: História das Relações Internacionais; Memória Disciplinar; Tendências Historiográficas.

1 Doutora (PUC-Minas), Mestra (PUC-Rio), Bacharela (UniBH) em Relações Internacionais, Especialista (PUC-Minas) em Filosofia Contemporânea e Licenciada (UNIRIO) em História. (jessimaximo@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2591-9318>.

Artigo submetido em 20/02/2024 e aprovado em 16/08/2024.





Abstract

The location and trends of the History of International Relations (HIR) area at the Brazilian Association of International Relations (ABRI) are investigated through a disciplinary memory which identifies its instances of institutionalization through documentation and orality analysis and mapping of researchers and historiographical trends of articles presented between 2007 and 2022. It was thought that the investigation would demonstrate a superficial interaction between History and IR; however, HIR had a relatively constant presence at events; its managers acted in favor of dialogue; its researchers are qualified; and it was possible to identify an interest in the Contemporary History of Brazilian and American Foreign Policy.

Keywords: History of International Relations; Disciplinary Memory; Historiographical Tendencies.

Resumen

El lugar y las tendencias del área de Historia de las Relaciones Internacionales (HRI) de la Asociación Brasileña de Relaciones Internacionales (ABRI) son investigadas a través de la memoria disciplinaria, que identifica sus instancias de institucionalización a través del análisis de la documentación, la oralidad y el mapeo de los investigadores y tendencias historiográficas de artículos presentados entre 2007 y 2022. Se pensó que la investigación demostraría una interacción superficial entre Historia y RI; sin embargo, HRI tuvo una presencia relativamente constante en los eventos; sus directivos actuaron a favor del diálogo; sus investigadores están calificados; y fue posible identificar un interés por la Historia Contemporánea de la Política Exterior brasileña y estadounidense.

Palavras clave: Historia de las Relaciones Internacionales; Memoria Disciplinaria; Tendencias Historiográficas.

Introdução

Dentre as diversas maneiras de se abordar a relação entre a História e as Relações Internacionais (RI), se destacam a reflexão histórica sobre os pontos de contato (institucionais ou ideacionais) entre estas áreas do conhecimento; e a comparação entre as especificidades do ofício do historiador e do analista internacional ou cientista político (como em Salomon 1993; Schroeder 1997; ou Lawson 2010). Neste artigo, propõe-se realizar ambas estas tarefas ao indagar





sobre o local ocupado pela área de História das Relações Internacionais (HRI) na Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI); assim como investigar as tendências historiográficas das pesquisas apresentadas nos eventos da associação.

Dentro das possibilidades metodológicas para a condução deste estudo, realizou-se a investigação do contexto institucional da historiografia — isto é, a escrita da história — das relações internacionais, no âmbito da ABRI. Assim, este artigo intentou, como advoga Cordeiro (2015), ir “além de um mero manual bibliográfico, ir atrás do contexto de produção das obras históricas” para produzir uma narrativa sobre o passado da área de História das Relações Internacionais na ABRI; ou para construir, como cunhado por Manoel Luiz Lima Salgado Guimarães, uma “memória disciplinar”, que subjuga a escrita da história da historiografia à sua própria historicidade — em outras palavras, ao reconhecimento das disputas narrativas e dos constrangimentos institucionais ou sociais que envolvem a escrita da história (Turin 2013).

Portanto, a pesquisa analisa as fontes documentais do contexto institucional da HRI na ABRI, ao examinar o estatuto e o site da associação e os boletins de seus eventos para indicar as circunstâncias e especificidades da formalização da área de HRI na associação. Ademais, os programas dos eventos da ABRI são interpelados em busca da participação da HRI em comparação com as demais áreas temáticas da associação. Esta análise documental e estatística é acrescida da investigação de fontes orais, através da condução de entrevistas com os gestores² da área de HRI na ABRI, que forneceram as perspectivas de indivíduos que atuam na associação, desvelando seus interesses e motivações, assim como revelando processos que não estão presentes nas fontes documentais.

Por outro lado, este artigo também examina as tendências historiográficas das pesquisas apresentadas nos eventos da associação. O termo tendência é usado da mesma forma que em Mello (2012, 32), isto é, a tendência é “uma inclinação no uso recorrente de determinados elementos”, chamados “opções historiográficas”, obtidos por meio da identificação de características da escrita histórica, como a

2 Foram entrevistados sobre suas pesquisas na área de HRI e funções administrativas na ABRI, os pesquisadores seguintes: Alexandre Moreli (USP), Antônio Carlos Lessa (UnB), Beatriz Naddi (USP), Carlo Patti (UFG), Gustavo Alvim de Góes Bezerra (PUC-RJ), Thiago Gehre Galvão (UnB) e Virgílio Caixeta Arraes (UnB). As perguntas destas entrevistas foram enviadas, por escrito, por correio eletrônico, no dia 01/04/2022. O e-mail dava a possibilidade de resposta escrita ou oral aos questionamentos; assim, cada entrevistado escolheu a maneira mais apropriada para si. Alguns dos entrevistados passaram por uma segunda rodada de perguntas para o esclarecimento de eventuais dúvidas. As transcrições das entrevistas podem ser requisitadas à autora por e-mail.





área de pesquisa, recorte temporal, delimitação espacial, tipos de fontes, entre outros. Neste contexto, as pesquisas que participam das mesas, simpósios etc., identificados como dentro do escopo da área de HRI na ABRI, foram analisados para identificar a recorrência das opções historiográficas contidas nas pesquisas da área de HRI da ABRI; e as características dos pesquisadores (gênero, região, instituição, formação acadêmica etc.) foram mapeadas para descrever o perfil daqueles que escrevem a história das relações internacionais na ABRI.

Em concordância com o apontamento da literatura sobre a inaptidão dos analistas internacionais e cientistas políticos em utilizar o método histórico — o que implicaria em uma utilização superficial e inapropriada de fontes e ferramentas da História (Lustick 1996; Smith 1999; Thies 2002), a hipótese inicial desta pesquisa era de que, apesar da área de HRI ser um dos eixos temáticos institucionalizados da ABRI, sua memória disciplinar e as tendências historiográficas apresentariam uma interação superficial entre a História e as RIs, como baixo interesse dos pesquisadores na área de HRI, pouca formação específica em História ou dificuldade em identificar as opções historiográficas das pesquisas. No entanto, viu-se que a área de HRI teve presença constante na arquitetura institucional da associação enquanto área temática de seus eventos; seus gestores atuaram em prol do diálogo entre a História e as RIs e da difusão de ferramentas do método histórico; seus pesquisadores são qualificados em ambas as áreas; e foi possível identificar tendências historiográficas claras nos artigos da área, a saber: o interesse na História Contemporânea da Política Externa Brasileira e Americana.

Contexto Institucional da Área de HRI na ABRI

De acordo com seu estatuto, a ABRI foi fundada em 30 de setembro de 2005, em Belo Horizonte, Minas Gerais, como uma instituição de natureza acadêmico-científica, sem fins lucrativos e sem caráter político-partidário ou religioso (ABRI 2020, 2). Antônio Carlos Lessa (UnB), em entrevista, conta que a fundação da associação ocorreu durante um seminário realizado na PUC-Minas, de idealização conjunta entre pesquisadores da área de RI desta universidade e, também, da PUC-Rio, no qual “se pensou no desenho de uma associação que congregasse os estudiosos de Relações Internacionais”. A página inicial do website da ABRI confirma que sua fundação “resulta do esforço de cooperação e do consenso





das principais instituições de ensino e pesquisa em Relações Internacionais” e acrescenta que a instituição representa “um marco fundamental na consolidação desta área do conhecimento no Brasil” (ABRI 2022).

Ademais, a página caracteriza a ABRI como “uma associação científica, aberta e plural, que visa o estímulo à produção acadêmico-científica em Relações Internacionais e ao aperfeiçoamento do ensino de graduação e pós-graduação na área” (ABRI 2022). De maneira semelhante, o estatuto informa que a instituição foi criada com o intuito de “promover o desenvolvimento da área de Relações Internacionais, o intercâmbio de ideias e a defesa de interesses comuns” (ABRI 2020, 2) por meio de cinco atividades científicas:

- I — do estímulo e da difusão da produção acadêmico-científica em Relações Internacionais;
- II — do incentivo ao debate sobre o ensino, pesquisa, extensão e exercício profissional em Relações Internacionais;
- III — da representação da comunidade acadêmica de Relações Internacionais no Brasil junto a instituições congêneres nacionais e internacionais;
- IV — da representação desta comunidade junto aos órgãos da administração pública direta e indireta, e a outras instituições e de direito público ou privado, relacionadas ao ensino, à pesquisa, à difusão e ao fomento científico;
- V — da organização, periódica e regular, de congressos, encontros e seminários, em nível nacional, regional e internacional. (ABRI 2020, 2; ver ABRI 2022, seção Institucional).

Para além disso, o estatuto delimita que a associação seja administrada por três órgãos: a Assembleia Geral, o Conselho Diretor e o Conselho Fiscal (ABRI 2020a, 6). Todos os associados³ podem participar das reuniões das assembleias gerais, que ocorrem a cada dois anos, nos encontros nacionais da instituição. É nestas assembleias que acontecem as eleições aos cargos do Conselho Diretor e do Conselho Fiscal; todavia, somente sócios plenos e sócios eméritos são elegíveis e podem votar, enquanto sócios profissionais e sócios estudantes podem se fazer presentes nas reuniões da assembleia, mas não têm direito a voto (ABRI 2020, 3-5). As Gestões Diretoras da ABRI contam com os cargos de Presidente,

³ Para se filiar à associação, o interessado deve preencher uma ficha de inscrição, declarar seu vínculo institucional, titulação e pagar a taxa de filiação (ABRI 2020, 3). Para se manter como sócio, deve-se cumprir três deveres: “I — contribuir pontualmente com os pagamentos devidos à ABRI, em especial a anuidade representativa da sua contribuição social; II — zelar pelo patrimônio social; III — cumprir e fazer cumprir o presente Estatuto e decisões do Conselho Diretor e da Assembleia Geral” (ABRI 2020, 5).





Secretário Executivo, Secretário Adjunto, Tesoureiro, Diretores e Conselheiros Fiscais (ABRI 2022); e cabe a elas “auxiliar na realização e planejamento dos eventos da ABRI” (ABRI 2020, 9), que são os principais meios de atuação da associação.

O estatuto da associação não menciona (em nenhuma de suas versões) a possibilidade de criação de áreas temáticas (e, dessa forma, nem como estas funcionariam), mas todos os eventos organizados pela ABRI são estruturados em torno de seções ou áreas temáticas cujos temas oscilaram ao longo dos anos (ABRI 2020). O primeiro Encontro Nacional ocorreu entre os dias 25 e 27 de julho de 2007, no Distrito Federal, Brasília. Com o tema “Transformações na Ordem Internacional na 1ª Década do Século 21”, o evento foi organizado em torno de seis seções temáticas: Teoria das Relações Internacionais (TRI), Instituições Internacionais (II), Economia Política Internacional (EPI), Segurança Internacional (SI), Política Externa (PE) e Integração Regional (IR) (ABRI 2007). Já o segundo encontro ocorreu em 22 e 24 de julho de 2009, na cidade do Rio de Janeiro, em organização conjunta com a *International Studies Association* (ISA), o tema desta edição foi “Diversidade e Desigualdade na Política Mundial”⁴.

O próximo encontro foi realizado em 2011, entre os dias 20 e 22 de julho, na cidade de São Paulo, com o tema “Governança Global e Novos Atores”. Lessa, que era Secretário Adjunto da associação na época, aponta em entrevista que, neste momento, a Gestão Diretora da ABRI tinha, como programa de trabalho, o objetivo de emular o arranjo institucional de outras associações científicas, como a ISA ou a LASA (*Latin American Studies Association*), por meio da formalização das seções temáticas. Portanto, no evento de 2011, as seções temáticas, agora nomeadas áreas temáticas, tiveram coordenadores individuais (prática que se estendeu aos demais eventos) e passaram a ser sete, com a inclusão de História das Relações Internacionais (HRI), coordenada pelo próprio Lessa⁵ — mas também houve uma alteração no título da área de II, agora Instituições e Organizações Internacionais (IOI) (ABRI 2011).

A partir de então, a Gestão Diretora da ABRI propôs a organização de dois tipos de eventos bienais: o Encontro Nacional da ABRI e o Seminário de

4 Não há informações sobre a programação do evento ou publicação de seus anais disponível no website de nenhuma instituição responsável por sua organização, assim, não houve como saber qual foi a (ou se houve) divisão temática neste evento.

5 Lessa, em entrevista, aponta que teria atuado em outro evento da ABRI como coordenador de área, mas não se lembra ao certo em qual. Fica em aberto, assim, a possibilidade de ele ter atuado na área de HRI no evento de 2009.





Relações Internacionais: Graduação e Pós-Graduação. Assim, no ano seguinte, entre 12 e 13 de julho de 2012, novamente no Distrito Federal, Brasília, o primeiro seminário teve como tema “Governança e Instituições Internacionais”, suas áreas temáticas foram reduzidas para apenas quatro, SI, EPI, PE e a renomeada IOI para “*Governança e Instituições*” (GI) — retirando HRI, IR e TRI (ABRI 2012). Já em 2013, entre 22 e 24 de julho, em Belo Horizonte, Minas Gerais, o quarto encontro, de tema “Multilateralismo, Plurilateralismo e a Construção de uma Ordem Mundial” recolocou em seu quadro somente a área temática de HRI, sob a coordenação de Paulo Fagundes Visentini (UFRGS), e reformou GI em II, mais uma vez (ABRI 2013; ABRI 2013a). Ao passo que o segundo seminário, de 28 e 29 de julho de 2014, organizado em João Pessoa, Paraíba, cujo tema era “Os BRICS e as Transformações em Ordem Global”, retirou as áreas de HRI e EPI, mas integrou TRI e renomeou II em *Governança e Instituições Internacionais* (GII).

No quinto encontro, conduzido entre 29 e 31 de Julho de 2015, em Belo Horizonte, Minas Gerais, na comemoração de 10 anos da associação e na ocorrência simultânea do 3º Congresso da Federação Latino Americana de Estudos Internacionais (FLAEI), as áreas temáticas foram ampliadas para sete: as tradicionais (mas recauchutadas) II, Segurança Internacional, *Estudos Estratégicos e Política de Defesa* (SIEEPD), EPI, TRI, *Análise de Política Externa* (APE) e *História das Relações Internacionais e da Política Externa* (HRIPE) foram acrescentadas da novíssima área de Ensino e Pesquisa em Relações Internacionais (EPRI).

O boletim eletrônico do encontro de 2015 menciona que as reuniões de áreas temáticas (RATs) já eram tradicionais (ABRI 2015, 6), mas foi somente a partir deste ano que as áreas temáticas mantiveram certa estabilidade, apesar da alteração de alguns de seus títulos. Em entrevista dada ao boletim, o então Presidente do Conselho Diretor da ABRI, Paulo Esteves (PUC-RJ), revela que “os encontros de grupos que trabalham em diferentes setores do campo de RI” fizeram parte de uma dimensão “aparentemente subterrânea” — no sentido de pouco visível — da associação, mas que possibilitou a reestruturação da ABRI em torno das áreas temáticas (ABRI 2015, 4-5). Lessa complementa este relato ao afirmar que as gestões de 2011/2013 e 2013/2015 (das quais participou como Secretário Adjunto e Secretário Executivo, respectivamente) conseguiram “estimular que os pesquisadores se encontrassem, comesçassem a debater e, de certo modo, comesçassem a pensar o desenho das áreas até esse momento de apoteose, digamos assim, que aconteceu em 2015, que foi, portanto, a institucionalização das áreas”.





Lessa aponta em sua entrevista que, durante o planejamento do encontro de 2015, a Gestão Diretora da ABRI estimulou “a vinda dos pesquisadores mais importantes [...], mais proeminentes de cada um [...] dos campos” para que eles pudessem participar ativamente da criação das áreas temáticas. Segundo o website da ABRI, a criação das áreas se deu “após a experiência acumulada da organização de painéis dos encontros anteriores por áreas temáticas” (ABRI 2022).

Eu, pessoalmente, participei da criação da área de História das Relações Internacionais e da criação da área de Ensino de Relações Internacionais. Nós consideramos que era interessante que pesquisadores, que fossem também diretores da ABRI, que participassem, especialmente, [da reunião de sua] área, justamente, para prestigiar a área (Lessa, em entrevista).

Este processo foi conduzido por meio de eleições de equipes coordenadoras das áreas temáticas durante o evento. De acordo com Lessa, todavia, as áreas só foram regulamentadas na Gestão Diretora posterior, cujo presidente era Eugenio Pacelli Lazzarotti Diniz Costa (PUC-MG)⁶. A normativa que regulamenta as áreas possui três capítulos: 1) — Da Natureza e Finalidade das Áreas Temáticas; 2) — Da Criação e Extinção de Áreas Temáticas; e 3) Da Coordenação das Áreas Temáticas. O documento dispõe que as áreas “são instâncias que congregam sócias/os em temáticas específicas e representativas de subáreas das Relações Internacionais e estruturam a organização temática dos encontros e atividades acadêmico-científicas da Associação” (ABRI 2020a, 1). Seus objetivos centrais são também estipulados pela normativa, a saber:

- I — contribuir para a organização e o avanço da pesquisa, do ensino, da extensão e do exercício profissional nas áreas respectivas.
- II — possibilitar o intercâmbio e a formação de redes de pesquisadores em suas respectivas subáreas e entre áreas;
- III — promover o estímulo e a difusão da produção acadêmico-científica em Relações Internacionais;
- IV — fomentar a troca de experiências e a difusão de informações referentes à área temática entre associados(as);
- V — promover o diálogo e a aproximação entre áreas temáticas, buscando avançar a qualidade e alcance do debate científico, pautar a formulação

⁶ Por meio de comunicação eletrônica, Eugênio Costa afirmou que a Proposta de Normativa para Áreas Temáticas de 2020, disponível no Website da ABRI (ver seção Áreas Temáticas), seria a forma atualizada da documentação original.





de políticas públicas no campo das Relações Internacionais, observados os princípios que norteiam a própria ABRI;
VI — apoiar a organização temática dos encontros e eventos da ABRI.
(ABRI 2020a, 1)

Os sócios devem se filiar a, pelo menos, uma área da associação e podem se candidatar — caso sejam sócios plenos ou eméritos quites com suas obrigações sociais, com, no mínimo, três anos de conclusão de doutorado *stricto sensu*⁷ — para as equipes coordenadoras das áreas, que têm um mandato de dois anos, passíveis de somente uma reeleição (ABRI 2020a, 3). À coordenação das áreas cabe a organização de mesas e painéis nos eventos, incentivando a participação dos sócios filiados às áreas, assim como a promoção de atividades específicas das áreas — que devem ser informadas previamente à associação (ABRI 2020a, 3-4).

A partir de então, o seminário de 29 e 30 de setembro de 2016, de Florianópolis, Santa Catarina, cujo tema foi “Repensando interesses e desafios para a inserção internacional do Brasil no Século XXI”, teve as mesmas áreas que os encontros de 25 a 28 de Julho de 2017, em Belo Horizonte, Minas Gerais, de tema “Perspectivas sobre o Poder em um mundo em redefinição” — que renomeou a área de II em *Instituições e Regimes Internacionais (IRI)* —, do seminário de 27 e 28 de setembro de 2018, em Foz do Iguaçu, Santa Catarina, de tema “As Diretrizes Curriculares Nacionais e seus impactos para as Relações Internacionais no Brasil” — que alterou o título da área de EPRI para *Ensino, Pesquisa e Extensão (EPE)* —, e do encontro de 23 a 26 de Julho de 2019, em Belo Horizonte, Minas Gerais, de tema “Atores e Agendas: Interconexões, Desafios e Oportunidades”.

Já no seminário online (devido às restrições de mobilização social durante a pandemia de COVID-19) dos dias 09 a 11 de novembro de 2020, cujo tema foi “Crises e polarizações na Ordem Mundial Contemporânea”, foi aprovada a nova proposta normativa para as áreas temáticas da instituição. Apesar deste evento ter mantido as áreas temáticas dos anos anteriores, a normativa permitiu que no encontro online dos dias 26 a 30 de julho de 2021, de tema “Relações Internacionais e Ciência na era das pandemias: olhares transdisciplinares sobre desafios globais”, houvesse votação inédita para a criação da área temática *Feminismo, Gênero e Sexualidades (FGS)*; e no encontro presencial dos dias

7 A normativa também propõe que a “[c]oordenação de cada área temática deve ser composta por representantes de instituições diferentes e atender aos critérios de representatividade institucional, regional e de gênero e, sempre que possível, a diversidade racial”, mantendo “alternância institucional, regional, de gênero e, sempre que possível, racial na coordenação da área temática” (ABRI 2020, 3).





25 a 27 de julho de 2023, sob temática intitulada “O velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer”, que ocorreu em Belo Horizonte, Minas Gerais, fosse votada a criação da área temática de Raça e Antirracismos nas Relações Internacionais (RARI).

Percebe-se, assim, que a organização dos eventos da ABRI tem estimulado a existência de seções/áreas temáticas desde o estabelecimento da associação (como demonstra a Tabela 1.1 — Presença das Áreas/Seções Temáticas por Evento da ABRI), ainda que não haja previsão para isso em seu estatuto. Paradoxalmente, foi somente com a construção da proposta normativa para a criação de novas áreas temáticas que as áreas antigas também puderam ser formalizadas. Em 2023, a Gestão Diretora da ABRI (2021-2023) lançou consulta aos seus sócios sobre a possibilidade de reforma do estatuto, arrecadando propostas de alteração do documento. Esta iniciativa foi ampliada pela gestão eleita no último encontro da associação (mandato entre 2023-2025) com o estabelecimento de um Grupo de Trabalho (GT) de Reforma do Estatuto da ABRI.

Tabela 1.1 — Presença das Áreas/Seções Temáticas por Evento da ABRI

2007	TRI	EPI	II	SI	PE	-	-	IR	-	-
2011	TRI	EPI	IOI	SI	PE	HRI	-	IR	-	-
2012	-	EPI	GII	SI	PE	-	-	-	-	-
2013	-	EPI	II	SI	PE	HRI	-	-	-	-
2014	TRI	-	GII	SI	PE	-	-	-	-	-
2015	TRI	EPI	II	SIEEPD	APE	HRIPE	EPRI	-	-	-
2016	TRI	EPI	II	SIEEPD	APE	HRIPE	EPRI	-	-	-
2017	TRI	EPI	IRI	SIEEPD	APE	HRIPE	EPRI	-	-	-
2018	TRI	EPI	IRI	SIEEPD	APE	HRIPE	EPE	-	-	-
2019	TRI	EPI	IRI	SIEEPD	APE	HRIPE	EPE	-	-	-
2020	TRI	EPI	IRI	SIEEPD	APE	HRIPE	EPE	-	-	-
2021	TRI	EPI	IRI	SIEEPD	APE	HRIPE	EPE	-	-	-
2022	TRI	EPI	IRI	SIEEPD	APE	HRIPE	EPE	-	FGS	-
2023	TRI	EPI	IRI	SIEEPD	APE	HRIPE	EPE	-	FGS	RARI*

Fonte: elaboração própria. *Somente criação.

No caso da área de HRI, a equipe eleita em 2015 foi: coordenador André Reis da Silva (UFRGS); vice coordenador Virgílio Caixeta Arraes (UnB); e secretário Carlo Patti (UFG). Para Arraes, em entrevista, a criação da área visava “estimular





os estudos de HRI na nova associação, dado que na ANPUH já se tratava do segmento” — isto é, já havia um grupo de pesquisadores mobilizados em prol da pesquisa em HRI na Associação Nacional de História. Lessa, em sua entrevista, coloca que uma ambição da área “era, justamente, trazer os pesquisadores de História das Relações Internacionais que gostam de ir para à ANPUH”, mas sempre houve dificuldades com essa empreitada, pois os encontros das duas associações acontecem em datas semelhantes. Lessa aponta, ainda, que a área de HRI é considerada uma área marginal na ANPUH. Arraes, atual coordenador o Grupo Temático de HRI da ANPUH, todavia, argumenta que os custos relacionados à participação em mais de uma instituição — anuidade e participação nos congressos (inscrição, passagens, hospedagem etc.) seriam responsáveis pelo desencontro.

O Website oficial da ABRI expõe o escopo de estudos desta área temática, assim como apresenta seus principais objetivos:

A área procura pensar as relações entre sociedades e culturas em diferentes tempos históricos. Para muito além de meros relatos factuais ou de se concentrar somente nas relações interestatais, ela, na verdade, considera diversos atores e estruturas, e oferece profundas análises sobre como construímos o presente das relações internacionais. Há muito se pensa a história da sociedade brasileira e de sua inserção no mundo, mas ainda há muito a avançar, sobretudo no desenvolvimento de pesquisas com forte rigor teórico, conceitual e metodológico, e no diálogo entre as disciplinas que formam a grande área das RI.

Nesse contexto, os principais objetivos desta Área Temática são de:

- Estimular pesquisas inovadoras e cientificamente fundamentadas, e a apresentação de seus resultados nos Encontros da ABRI
- Promover o diálogo com os colegas das demais disciplinas que compõem as RI
- Fomentar a colaboração com colegas historiadores das relações internacionais das mais diversas origens
- Encorajar a atualização das agendas de pesquisa, mantendo uma constante incorporação de inovadoras perspectivas e objetos (ABRI 2022).

Dentre os quatorze eventos realizados pela ABRI até o momento, a área de História das Relações Internacionais, seja por meio da nomeação de HRI ou HRIPE, não esteve presente somente em três, o encontro de 2007 e os seminários de 2012 e 2014 — ou, possivelmente, quatro, já que não há informações sobre o evento de 2009 — como mostra a Tabela 1.1 (Presença — Presença das Áreas/Seções Temáticas por Evento da ABRI) acima. Durante este período, a área de





HRI teve cinco gestões coordenadoras. Para além do já mencionado mandato de 2015-2017; o próximo biênio, de 2017-2019, teve o mesmo coordenador, André Reis (UFRGS), mas foram eleitos também o vice coordenador Thiago Gehre (UnB) e os assistentes Jéssica Máximo (PUC-MG) e Gustavo Bezerra (PUC-RJ). O mandato de 2019-2021 elegeu o coordenador Alexandre Moreli (USP), o vice coordenador Carlo Patti (UFG) e assistentes Gustavo Bezerra (PUC-RJ) e Beatriz Naddi (USP); todos os quais permaneceram em seus cargos para a gestão de 2021-2023. Na próxima gestão, 2023-2025, Carlo Patti (UFG) assumiu a coordenação e se juntou a Gunther Mros (UFMS) na vice coordenação (ABRI 2022).

Adicionalmente à formação dos painéis da área nos eventos da ABRI, as atividades exercidas por cada gestão coordenadora foram variadas. Carlo Patti, em entrevista, aponta que a primeira gestão (2015-2017) conduziu um mapeamento da área temática no país⁸ e promoveu uma mesa redonda no seminário de 2016, intitulada “Desafios Metodológicos da Pesquisa em História das Relações Internacionais”, coordenada por Antônio Carlos Lessa (UnB), na qual participaram como expositores Amado Cervo (UnB), Alexandre Morelli (CPDOC-FGV) e Carlo Patti (UFG) (ABRI 2016). Já a segunda gestão (2017-2019) criou e gerenciou uma página no Facebook para a área temática, no intuito de “aproximar a comunidade acadêmica das discussões levadas a cabo no âmbito dos encontros de área, assim como difundir eventos e produções científicas” (ABRI 2022), e organizou uma mesa redonda no seminário de 2018, “Descolonização e emancipação: novos desafios para o ensino de História das Relações Internacionais”, coordenada por Thiago Gehre (UnB), cujos expositores foram Ana Flávia Magalhães Pinto (UnB), Alexandre Moreli (USP) e Silvia Regina Feraboli (UFRGS) (ABRI 2018).

A penúltima gestão coordenadora, que permaneceu por dois mandatos (2019-2021 e 2021-2023), descontinuou com a manutenção da página no Facebook, a partir do segundo biênio, de acordo com a entrevista de Moreli, por entender que a “restritiva política de publicação e exposição da plataforma” desestimulava o uso deste recurso como veículo de “notícias sobre bolsas, cursos e disponibilidades de novas fontes de pesquisa”. Ademais, esta gestão organizou uma mesa redonda virtual, preparatória ao seminário de 2020, cujo tema era “Fontes Digitais e a História das RI: a experiência dos arquivos da Liga das Nações”, que teve a participação de Colin Wells (ONU), Fabia Carvalho (Universidade de Melbourne) e mediação de Moreli.

8 Não se obteve acesso a esse mapeamento realizado.





A gestão também firmou uma parceria estratégica com Lessa (UnB) para a coorganização de eventos de interesse da AT, como foram as palestras “Pesquisa em fontes primárias em política externa brasileira: o caso do acervo do MRE”, de agosto de 2021, e “Arquivo Histórico do Itamaraty no Rio: trajetória, perspectivas e possibilidades”, de setembro de 2021. Outros projetos da gestão se relacionam à criação de um repositório de teses e dissertações da área de HRI, à publicação de livros, capítulos de livros e artigos da temática, e à aproximação da área temática com pesquisadores e associações internacionais. Para Alexandre Moreli, a ambição de sua gestão

tem sido a de oferecer apoio e reflexão a jovens pesquisadores para vencerem os desafios singulares de um historiador das relações internacionais, como acesso a um diálogo crítico com os pares em um país continental (e também fora dele) e a busca de meios para formarem um corpus de fontes que os permitam entender todas as agências necessárias em processos históricos que envolvem sociedades e culturas que têm seus vestígios históricos depositados a milhares de quilômetros do Brasil. Trata-se de fomentar uma maior densidade e alcance do que se produz e se pode produzir em termos de conhecimento científico em HRI. Nesse sentido, concentrar esforços nos momentos de encontro dos membros do campo (quando de apresentações e comentários críticos dos trabalhos nas Conferências anuais da ABRI) e divulgar notícias e fomentar a qualificação quanto à construção de corpus de fontes têm sido, para mim, a grande prioridade.

Percebe-se, por meio deste levantamento de fontes orais sobre a atuação das gestões coordenadoras da AT de HRIPE, que a área de HRI na ABRI tem buscado fomentar o diálogo entre as RIs e a História, assim como mapear diversas instâncias dessa interseção. A próxima seção deste trabalho objetiva identificar os painéis e as pesquisas da área de HRI, apresentados e publicados nos eventos nacionais da ABRI, para comparar estatisticamente sua representatividade *vis a vis* os demais campos de estudo; assim como mapear quem são os pesquisadores da área de HRI nos eventos nacionais da ABRI.

Características da Área de HRI nos Eventos da ABRI

Apesar de não haver dados disponíveis sobre a quantidade de membros da área, a impressão entre os gestores é de que a AT de HRIPE “sempre foi uma





área pequena, que eu chamaria *mignon*” e que suas reuniões possuem baixo quórum, mas que os participantes são “altamente qualificados” (Lessa, em entrevista). Dessa forma, utilizou-se dos dados disponíveis sobre a participação da área nos eventos para tentar mensurar o tamanho relativo da área dentro da associação. A Tabela 2.1 (Participação da Área nos Eventos) abaixo demonstra o total de painéis, iniciação científica e workshop doutorais da AT de HRIPE nestas modalidades de participação nos eventos em que a HRI esteve presente.

Tabela 2.1 – Participação da Área nos Eventos

Área/Total	2011		2013		2015		2016		2017		2018		2019		2020		2021		2022		% média
Painéis	11	127	12	133	15	118	8	87	9	104	7	70	13	136	4	54	9	111	4	73	9,08%
IC	1	61	9	80	2	78	6	66	4	73	10	113	0	64	0	0	2	56	3	57	5,71%
Workshop	0	7	0	22	0	19	0	9	0	20	9	25	6	19	0	0	0	0	0	0	12,40%

Fonte: Formulação própria.

Em painéis, a participação da área girou em torno de 9,08% do total dos eventos, entre os anos 2011 e 2022. A participação em mostras de iniciação científica foi um pouco menor, 5,71% — ressaltando que, em 2019, não houve nenhum trabalho de IC da área e, em 2020, não houve esta modalidade de participação. A maior participação da área se encontra nas rodadas de workshop doutorais de 2018 e 2019⁹, com 12,40% de representatividade, mas isso se deve ao compartilhamento do workshop com a área de APE. A Tabela 2.2 (Comparação da Participação das Áreas) contextualiza estes dados ao comparar as médias de participação das ATs nos anos em que HRI/PE esteve presente. Vê-se, nesta tabela, que a maior participação em painéis é da área de APE, com 20,43% (em negrito); enquanto em iniciações científicas e workshops, a área de destaque é SIEEPD, com 24,85% e 32,23% (em negrito), respectivamente. Apesar de ser uma área mais antiga, HRI tem uma participação aproximada às áreas de TRI ou EPRI, o que está de acordo com a impressão dos gestores sobre o tamanho da área.

⁹ Ainda que os workshops tenham continuado a ocorrer, os eventos não disponibilizam mais os participantes.



**Tabela 2.2 – Comparação da Participação das Áreas**

ATs	HRI/PE	EPI	SI/SIEEPD	PE/APE	TRI	IOI/II/IRI/GII	IR	EPRI/EPE	FGS
% Painéis	9,08%	16,68%	18,76%	20,43%	11,82%	17,18%	14,17%	6,51%	13,70%
% IC	5,71%	14,04%	24,85%	22,84%	7,39%	19,75%	8,20%	5,72%	12,28%
% Workshop	12,40%	23,97%	32,23%	12,40%	2,02%	29,75%	0,00%	0,00%	0,00%

Fonte: Formulação própria.

Quando olhamos para o número de artigos da área apresentados nos painéis em cada evento, assim como os artigos publicados em seus anais, presentes na Tabela 2.3 (Artigos da Área), é possível perceber que há uma variação do número de artigos apresentados em encontros nacionais, que contêm o maior número de apresentações (em negrito), e os seminários de graduação e pós-graduação, que contam com menor número de apresentações. Todavia, em ambos os tipos de eventos a porcentagem de artigos publicados nos anais permaneceu acima da metade, se descontarmos os anos pandêmicos de 2019, 2020 e 2021, o que poderia indicar que os trabalhos apresentados — mas não publicados — ainda estão em fase de construção.

Tabela 2.3 – Artigos da Área

Artigos/Ano	2011	2013	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Apresentados	-	40	49	28	38	28	46	13	33	15
Publicados	21	26	25	19	29	18	16	5	11	10
% Publicação	-	65%	51%	68%	76%	64%	35%	38%	33%	67%

Fonte: Formulação própria.

Ao visualizar a comparação da média de artigos apresentados e publicados por cada área, demonstrada na Tabela 2.4 (Comparação de Artigos por Área), nota-se que as áreas com a maior média são APE, com 20,26% de artigos apresentados e 21,09% de artigos publicados (em negrito), e SIEEPD, com 20,23% apresentados e 19,97% publicados. Novamente, a área de HRI tem uma média aproximada às áreas de TRI e EPE.

Tabela 2.4 – Comparação de Artigos por Área

ATs	HRI	EPI	SI/SIEEPD	PE/APE	TRI	IOI/II/IRI/GII	IR	EPRI/EPE	FGS
Apresentados	8,87%	16,98%	20,23%	20,26%	10,90%	17,23%	-	6,75%	14,98%
Publicados	7,71%	17,74%	19,97%	21,09%	9,78%	18,42%	16,84%	6,87%	11,00%

Fonte: Formulação própria.





Os autores destes artigos possuem características diversas, mas em sua maioria são homens, doutorandos ou doutores em cursos das áreas de Relações Internacionais ou História, que atuam em instituições públicas da região Sudeste do país. A Tabela 2.5 (Gênero dos Autores) informa que apenas 39,54% (em negrito) dos autores que participaram em todos os eventos é mulher¹⁰, mas esse número varia radicalmente durante os anos — o máximo da participação feminina foi de 71% em 2020 (em negrito) e o mínimo de 20% em 2016 (em negrito).

Tabela 2.5 – Gênero dos Autores

Ano	Homens	%	Mulheres	%	Total
2011	16	73%	6	27%	22
2013	30	61%	19	39%	49
2015	34	67%	17	33%	51
2016	24	80%	6	20%	30
2017	24	69%	11	31%	35
2018	14	45%	17	55%	31
2019	28	57%	21	43%	49
2020	4	29%	10	71%	14
2021	4	33%	8	67%	12
2022	7	54%	6	46%	13
TOTAL	185	60,46%	121	39,54%	306

Fonte: Formulação própria.

Ademais, a Tabela 2.6 (Área de Formação dos Autores) a seguir mostra o somatório do curso de formação e do nível de instrução dos autores em todos os anos em que HRI esteve presente nos eventos.¹¹ A leitura da tabela indica que a maioria dos autores é graduado ou graduando em Relações Internacionais, com 50,1%, ou História, 19,7% (ambos em negrito); padrão que se repete entre os mestres e mestrandos, dos quais há 44,3% e 19,2% (ambos em negrito) respectivamente, mas entre os doutores e doutorandos há quase um equilíbrio entre as áreas de formação, sendo 27,9% em Relações Internacionais e 25,4% em História (ambos em negrito).

¹⁰ Uma vez que não há como obter as autodeclarações de gênero dos autores, dadas nas inscrições dos eventos ou no ato de associação à ABRI, recorreu-se ao entendimento provisório de que os nomes dos autores determinassem seu gênero — isto é, um nome socialmente entendido como feminino foi marcado como mulher e vice-versa.

¹¹ O método de caracterização do nível de instrução considerou tanto cursos em andamento quanto cursos concluídos no momento do evento.



**Tabela 2.6 – Área de Formação Dos Autores**

Curso/Instrução	G	%	M	%	D	%
Relações Internacionais	178	50,1%	129	44,3%	55	27,9%
História	70	19,7%	56	19,2%	50	25,4%
Ciência Política	5	1,4%	35	12,0%	31	15,7%
Estudos Estratégicos	0	0,0%	18	6,2%	14	7,1%
Ciências Sociais	13	3,7%	15	5,2%	12	6,1%
Economia Política Internacional	0	0,0%	9	3,1%	8	4,1%
História Das Relações Internacionais	0	0,0%	3	1,0%	8	4,1%
Sociologia	1	0,3%	3	1,0%	7	3,6%
Geografia	6	1,7%	1	0,3%	4	2,0%
Administração	5	1,4%	1	0,3%	2	1,0%
Integração Da América Latina	0	0,0%	4	1,4%	2	1,0%
Direito	30	8,5%	5	1,7%	1	0,5%
Economia	20	5,6%	2	0,7%	1	0,5%
Filosofia	6	1,7%	1	0,3%	1	0,5%
Energia	0	0,0%	0	0,0%	1	0,5%
Comunicação	5	1,4%	2	0,7%	0	0,0%
Ciências Militares	0	0,0%	3	1,0%	0	0,0%
Estudos Comparados	0	0,0%	2	0,7%	0	0,0%
Negócios Internacionais	1	0,3%	1	0,3%	0	0,0%
Gestão Cultural	1	0,3%	1	0,3%	0	0,0%
Mídia	1	0,3%	1	0,3%	0	0,0%
Ciências Humanas E Sociais	0	0,0%	1	0,3%	0	0,0%
Relações Econômicas Internacionais	0	0,0%	1	0,3%	0	0,0%
Sociedade E Fronteiras	0	0,0%	1	0,3%	0	0,0%
Cooperação Internacional	0	0,0%	1	0,3%	0	0,0%
Produção Cultural	0	0,0%	1	0,3%	0	0,0%
Estudos Europeus	0	0,0%	1	0,3%	0	0,0%
Letras	0	0,0%	1	0,3%	0	0,0%
Economia Política	0	0,0%	1	0,3%	0	0,0%
Odontologia	2	0,6%	0	0,0%	0	0,0%
Engenharia Mecânica	2	0,6%	0	0,0%	0	0,0%
Turismo	2	0,6%	0	0,0%	0	0,0%
Jornalismo	1	0,3%	0	0,0%	0	0,0%
Psicologia	1	0,3%	0	0,0%	0	0,0%
Operações Militares	1	0,3%	0	0,0%	0	0,0%
Pedagogia	1	0,3%	0	0,0%	0	0,0%
Defesa	1	0,3%	0	0,0%	0	0,0%
Cinema	1	0,3%	0	0,0%	0	0,0%
Humanidades	1	0,3%	0	0,0%	0	0,0%
TOTAL	355	42 %	291	35 %	197	23 %

Fonte: Formulação própria.





Do total de titulações, conquistadas ou em andamento, dos 306 autores presentes nos eventos, 193 (63,07%) são doutores ou doutorandos, 105 (34,31%) são mestres ou mestrandos e, apenas, 8 (2,61%) são graduados ou graduandos, como demonstrado na tabela 2.7 (Nível de Instrução dos Autores). Novamente, os dados indicam que a impressão dos gestores, de que a área é altamente qualificada, parece estar na direção correta.

2.7 – Nível de Instrução dos Autores

Instrução	Graduação	Mestrado	Doutorado
Total	8	105	193
%	2,61%	34,31%	63,07%

Fonte: Formulação própria

A Tabela 2.8 (Instituição dos Autores) indica que as instituições representadas por esses autores (isto é, a instituição que eles marcaram como filiados na escrita do artigo apresentado) são instituições de ensino, em sua grande maioria, públicas (68,49%), em menor número, privadas (24,76%), parcerias público-privadas (4,5%), ou instituições profissionais (2,25%), como o MRE (Ministério das Relações Exteriores) ou o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

Tabela 2.8 – Instituição dos Autores

Tipo	Total	%
Publica	213	68,49%
Privada	77	24,76%
Pública-Privada	14	4,50%
Profissional	7	2,25%

Fonte: Formulação própria.

Estas instituições estão distribuídas com grande desigualdade regional, como adverte a Tabela 2.9 (Região dos Autores). Há uma concentração de autores que atuam em instituições da região Sudeste do país (52,09%), seguindo em menor proporção das regiões Sul (18,97%) e Centro-Oeste (18,65%), enquanto Nordeste (6,43%) e Norte (1,29%) têm representação baixíssima nos eventos, comparável à de estrangeiros (2,57%).



**Tabela 2.9 – Região dos Autores**

Região	Total	%
Sudeste	162	52,09%
Sul	59	18,97%
Centro-Oeste	58	18,65%
Nordeste	20	6,43%
Estrangeiro	8	2,57%
Norte	4	1,29%

Fonte: Formulação própria.

Tendências Historiográficas da Área de HRI na ABRI

Ao examinar os resumos dos artigos da área, foi-se possível sumarizar as opções historiográficas dos autores e localizar as tendências historiográficas da área. As três opções principais de áreas historiográficas formuladas durante a sumarização dos artigos foram: “História das Relações Internacionais” — para os artigos que abordam os fenômenos das relações internacionais de maneira ampla, “História da Política Externa” — para aqueles que focam suas análises na história das relações exteriores oficiais — reconhecendo a política externa enquanto política pública — e “Historiografia, Teoria e Método” — para os artigos com preocupações sobre a escrita da história, sua interface com a teoria das RIs (ou de outras áreas do conhecimento) e métodos históricos. A Tabela 3.1 (Área Historiográfica dos Artigos) a seguir apresenta o resultado do processo de sumarização do conteúdo dos artigos entre as três opções.

Tabela 3.1 – Área Historiográfica dos Artigos

Categorias	Total	%
HRI	60	32,6%
HPE	114	62,0%
HTM	10	5,4%

Fonte: Formulação própria.

Nota-se que a categoria “História da Política Externa” foi a mais identificada entre os artigos, com 62% (em negrito); seguida pela “História das Relações Internacionais”, com 32,6%; e, em último lugar, com apenas 5,4%, “Historiografia,





Teoria e Método”. Dessa maneira, infere-se que uma tendência historiográfica da área de HRI é abordar a História da Política Externa.

A segunda opção historiográfica examinada, apresentada na Tabela 3.2 (Recorte Temporal dos Artigos), procura delimitar o recorte temporal feito pelos artigos. Percebe-se que os principais recortes feitos pelos artigos foram os séculos XXI (18,9%), XX (47,9%) e XIX (14,7%) (todos em negrito), o que demonstra outra tendência historiográfica da área, que é trabalhar com a História Contemporânea (ou História do Tempo Presente).

Tabela 3.2 – Recorte Temporal dos Artigos

Categorias	Total	%
XXI	45	18,9%
XX	114	47,9%
XIX	35	14,7%
XVIII	6	2,5%
XVII	7	2,9%
XVI	4	1,7%
XV	4	1,7%
XIV	2	0,8%
XIII	1	0,4%
Pré-História	1	0,4%
NI	20	8,4%

Fonte: Formulação própria.

Por fim, a Tabela 3.3 (Delimitação Espacial dos Artigos) apresenta o continente — contendo uma única categoria nacional, a saber, o Brasil — acerca do qual os artigos pesquisam. Esta categorização revela uma grande concentração de artigos que abordam o Brasil e as Américas, cerca de 38% e 25% (em negrito) dos artigos, respectivamente. Os demais continentes mais abordados foram a Ásia, a Europa e a África, com 14,0%, 11% e 7% cada. Assim, a última tendência historiográfica identificada é o foco na História do Brasil e, em menor grau, das Américas.

**Tabela 3.3 – Delimitação Espacial dos Artigos**

Categorias	Total	%
Brasil	107	38%
África	20	7%
América	69	25%
Antártida	1	0%
Ásia	40	14%
Europa	31	11%
Oceania	0	0%
NI	13	5%

Fonte: Formulação própria.

O exame dos resumos dos artigos publicados nos anais dos eventos da ABRI revelou que, de maneira geral, a área de HRI tem a tendência de investigar questões relacionadas à História Contemporânea da Política Externa Brasileira e Americana, já que conjuga a preferência pela História Contemporânea, a História da Política Externa e a História do Brasil e da América.

Considerações Finais

O delineamento da memória disciplinar e a análise das tendências historiográficas da área de HRI da ABRI permite a inferência de quatro aspectos da interface entre a História e as RIs: 1) a área de HRI tem tido uma presença relativamente constante dentre os eixos temáticos da ABRI desde sua fundação; 2) as gestões coordenadoras da área temática de HRIPE têm buscado o diálogo entre as duas áreas do conhecimento e a formação específica em ferramentas metodológicas da História; 3) os pesquisadores da área têm níveis altos de instrução em ambas as áreas; e 4) o interesse pela História Contemporânea da Política Externa Brasileira e Americana.

Esta presença relativamente constante da área de HRI nos eventos da ABRI indica sua valorização como tema estruturante do campo de RI no Brasil — assim como se viu quando da inclusão de HRI nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Relações Internacionais, em 2017¹². Todavia, ainda

12 Cujá primeira versão foi discutida no âmbito da ABRI, em 2012.





que a área seja considerada importante, seu tamanho tem sido relativamente menor que as demais áreas da ABRI. Uma possível explicação seria a coocorrência entre os eventos nacionais da ABRI e da ANPUH, que impõe a escolha dos pesquisadores pela participação em apenas um evento — devido, também, aos custos derivados da participação em associações deste tipo, como anuidade, inscrição em eventos, transporte, hospedagem etc.

Este fato corrobora com o apontamento de Santos (2005, 21) de que “[o] estudo sobre essa área é, em geral, realizado por historiadores que têm dialogado mais regularmente com a área de Relações Internacionais do que com campos especificamente históricos”. Daí a importância da atuação das gestões da área de HRIPE em buscar um diálogo mais próximo com a História, que consiga diminuir essa disparidade a partir do encontro com a historiografia nacional (e internacional). Nesse sentido, as parcerias estratégicas da área de HRIPE e suas palestras temáticas nos eventos da ABRI, que têm focado na difusão de conhecimento sobre o manejo de fontes históricas, pesquisas em arquivos etc., contribuem sobremaneira para permitir a participação de (e o diálogo com) historiadores, já que estes eventos menores fogem das datas dos eventos principais das associações; e para mitigar uma das grandes críticas que analistas internacionais e cientistas políticos enfrentam ao se debruçar sobre a História: o mal uso do método histórico (Bell 2001; D’Aoust 2004; Máximo 2020)

É importante notar, no entanto, que a despeito do ensino de HRI nos cursos de graduação do país ser marcado por perspectivas eurocêntricas e ocidentais, a pesquisa em HRI vista no âmbito da ABRI, tem mais interesse pela história local (seja pela História do Brasil ou da América). Todavia, assim como as tendências das bibliografias indicadas nestes cursos revelam uma “desvalorização da presença feminina” (Moreli, Froio, Tomas e Barbosa 2022, 25), os autores de HRI na ABRI também são majoritariamente homens — de instituições públicas da região sudeste do país. Assim, apesar da ABRI ter instituído um Fundo de Incentivo à Ações Afirmativas, desde 2023, para a participação em seus eventos, faz-se necessário que haja ações específicas para estimular a participação de mulheres das mais variadas instituições e regiões do país — de maneira em que a pesquisa e a escrita da HRI no Brasil seja reflexo de nossa diversidade.





Referências

- ABRI (2007), Anais do 1º Encontro Nacional da ABRI — Transformações na ordem internacional na 1ª década do século 21, Brasília: Grand Bittar Hotel. Disponível em: https://www.abri.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1145 Acesso em: 30 janeiro de 2022.
- ABRI (2011), Anais do 3º Encontro Nacional da ABRI — Governança Global e Novos Atores, São Paulo: USP. Disponível em: https://www.abri.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1145 Acesso em: 30 janeiro de 2022.
- ABRI (2012), Anais do 1º Seminário de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Brasília: Finatec. Disponível em: https://www.abri.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1145 Acesso em: 30 janeiro de 2022.
- ABRI (2013), Anais do 4º Encontro Nacional da ABRI — Multilateralismo, Plurilateralismo e a Construção de uma Ordem Mundial, Belo Horizonte: Puc Minas. Disponível em: https://www.abri.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1145 Acesso em: 30 janeiro de 2022.
- ABRI (2013a), 4º Encontro Nacional da ABRI — Multilateralismo, Plurilateralismo e a Construção de uma Ordem Mundial, Belo Horizonte: Puc Minas. Disponível em: <http://www.encontronacional2013.abri.org.br/> Acesso em: 30 janeiro de 2022.
- ABRI (2015), Boletim Eletrônico do 5º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais, Belo Horizonte: Puc Minas. Disponível em: https://www.abri.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1145 Acesso em: 30 janeiro de 2022.
- ABRI (2016), 3º Seminário de Relações Internacionais: Graduação e Pós-graduação, Santa Catarina: UFSC. Disponível em: <http://seminario2016.abri.org.br/> Acesso em: 30 janeiro de 2022.
- ABRI (2020), Estatuto da Associação Brasileira de Relações Internacionais, Belo Horizonte: Airá Eventos. Disponível em: https://www.abri.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=745 Acesso em: 30 janeiro de 2022.
- ABRI (2020a), Proposta de Normativa para Áreas Temáticas, Belo Horizonte: Airá Eventos. Disponível em: https://www.abri.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=748 Acesso em: 30 janeiro de 2022.
- ABRI (2022), Associação Brasileira de Relações Internacionais, Belo Horizonte: Airá Eventos. Disponível em: <https://www.abri.org.br/site/capa> Acesso em: 30 janeiro de 2022.
- BELL, Duncan (2001). International Relations: the dawn of a historiographical turn? *British Journal of Politics and International Relations*, v. 3, n° 1, p. 115-126, abr.
- CORDEIRO, C. S. (2015). Historiografia e história da historiografia: alguns apontamentos. *Anais do XVIII Simpósio Nacional de História*.





- D'AOUST, Anne M. (2004) *Abusing History: A Critical Analysis of Mainstream International Relations Theory Misconduct. Occasional Paper n°6*, Center for United States Studies.
- LAWSON, George (2010). The eternal divide? History and International Relations. *European Journal of International Relations*, v. 18, n° 2, p. 203-226.
- LUSTICK, Ian S. (1996) History, historiography, and political science: Multiple historical records and the problem of selection bias. *American Political Science Review*, v. 90, n. 3, p. 605-618.
- MÁXIMO, J. (2020). *A Question of Fact, Time and Method: a qualitative content analysis of the uses and interpretations of History in IR journals*. Tese (Doutorado em Relações Internacionais: Política Internacional) — Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- MELLO, R. M. D. (2012). *Tendências historiográficas na Revista Brasileira de História*, 1981-2000.
- MORELI, A., FROIO, L. R., TOMAS, L., & BARBOSA, I. P. (2022). O ensino de História das Relações Internacionais no Brasil. Perspectivas e ausências. *Carta Internacional*, 17(2), e1243.
- SALOMON, Kim. (1993) “What Is the Use of International History?” *Journal of Peace Research*, v. 30, n° 4, p. 375-389, Nov.
- SANTOS, Norma Breda dos. (2005) “História das Relações Internacionais no Brasil: esboço de uma avaliação sobre a área”. *História* (São Paulo), v. 24, n. 1, p. 11-39.
- SCHROEDER, Paul W. (1971) “History and International Relations Theory: Not Use or Abuse, But Fit or Misfit”. *International Security*, v. 22, n° 1, p. 64-74.
- SMITH, Thomas (1999). *History and International Relations*. London and New York: Routledge.
- THIES, Cameron (2002). A Pragmatic Guide to Qualitative Historical Analysis in the Study of International Relations. *International Studies Perspectives*, v. 3, n. 4, p. 351-372.
- TURIN, R. (2013). História da historiografia e memória disciplinar: reflexões sobre um gênero. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, 6(13), 78-95.